

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Marília Pereira de Oliveira

Sufrimento psíquico em estudantes universitários:
uma revisão bibliográfica em diálogo com as Ciências Sociais

Florianópolis

2021

Marília Pereira de Oliveira

Sufrimento psíquico em estudantes universitários:
uma revisão bibliográfica em diálogo com as Ciências Sociais

Projeto de Monografia apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Noemi Cucurullo de Caponi.

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Oliveira, Marília Pereira de
Sofrimento psíquico em estudantes universitários : uma
revisão bibliográfica em diálogo com as Ciências Sociais /
Marília Pereira de Oliveira ; orientadora, Sandra Noemi
Cucurullo de Caponi, 2021.
44 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências
Sociais, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Sofrimento psíquico. 3. Pierre
Bourdieu. 4. Universidade. 5. Capital cultural. I. Caponi,
Sandra Noemi Cucurullo de. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Marília Pereira de Oliveira

Sofrimento psíquico em estudantes universitários:
uma revisão bibliográfica em diálogo com as Ciências Sociais

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais.

Florianópolis, 11 de junho de 2021



Documento assinado digitalmente
Letícia Maria Costa da Nobrega Cesarino
Data: 29/06/2021 16:38:00-0300
CPF: 046.352.526-47
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof^a. Dr^a. Letícia Cesarino
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente
Sandra Noemi Cucurullo de Caponi
Data: 29/06/2021 11:12:42-0300
CPF: 137.654.878-05
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof^a. Dr^a. Sandra Noemi Curucullo de Caponi
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente
Marcia da Silva Mazon
Data: 29/06/2021 16:29:34-0300
CPF: 087.858.088-30
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof^a. Dr^a. Marcia Mazon
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente
Fabiola Stolf Brzozowski
Data: 29/06/2021 09:34:32-0300
CPF: 038.328.069-97
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof^a. Dr^a. Fabíola Stolf Brzozowski
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Iniciei a escrita desta monografia por esta parte para lembrar o que me motiva a estar aqui. Meu primeiro agradecimento vai para a minha tia e madrinha Márcia Regina. Minha segunda mãe. Meu porto seguro. Aquela que massageia meus pés quando estou ansiosa sem conseguir dormir. Pelas bananas amassadas com mel quando eu era pequena. Pelas conversas ao telefone na pandemia. Pela ajuda nunca negada com trabalhos acadêmicos desde o início, desde meu primeiro curso na faculdade. Amo você. *Bulletproof*.

À minha mãe e ao meu pai, que acompanharam várias graduações incompletas, mudanças de casa, bairro, país. Que foram incondicionais.

Ao meu tio e padrinho, Antídio (Tidinho), por sua força criativa na família. Pelo capital cultural inerte às suas aulas de português na minha infância, aos filmes e dublagens caseiras, aos roteiros, aos desenhos tão inconfundíveis, aos obsoletos *cds* da Patti Smith e R.E.M, aos longos *emails* de recomendação musical sem motivo maior. Por sua ausência de julgamentos e presença distante. Quem tem um Antídio na vida é privilegiado.

À Prof^a. Sandra Caponi, por sua orientação e pela inspiração de começar a trilhar caminhos na área acadêmica do sofrimento psíquico. Seu núcleo foi onde encontrei esse espaço durante a graduação. Também a Fabíola Brzozowski, por sua coorientação não oficial.

À Thaís (Bali), por seu acolhimento amigo em épocas bem anteriores ao curso – morando na *Sant Just y Pastor*, acompanhando crises de decisão de curso de vida, crises existenciais, ajudando a sentar nas malas cheias antes de grandes e variadas mudanças de casa e apartamento. Obrigada por sempre ter estado aqui, mesmo em tempos de encontros virtuais.

Ao Dr. Fábio, que me salvou várias vezes de mim mesma. Por seu olhar sensível a mim, pela paciência, pelas dicas, pelos longos e dispostos áudios com exercícios de respiração e uma indução de um olhar mais calmo sobre a vida. Pelos pães de queijo nas consultas. Por me lembrar de ilustrar minhas emoções de uma forma mais metafórica em vez de uma racionalidade sufocante.

À Tatiana, que me ensinou o significado da palavra *skinship* e me ensinou a ter boas noites de sono naturalmente. Pelas maratonas de *reality shows* de qualidade duvidável na pandemia. Por me fazer sentir tão confortável quando estou perto. Pela naturalidade.

À Prof^a. Anna Moraes, grande artista visual florianopolitana, que também teve seu papel terapêutico durante uma época muito específica da graduação onde precisei de uma mesa cheia de senhoras, biscoito de polvilho, cafés da tarde e muita prosa. Aquelas tardes de quinta-feira se aproximam do que alguns chamam de *mindfulness*. Eu estava presente.

À Haley McCay, pelas conversas de vídeos intensivas durante a quarentena, pelos planos mirabolantes, por sua amizade que quero levar para a vida.

À minha amiga Morgana e à sua mãe, Prof. Ilze Zirbel. Que tanto já me ajudaram no seu aconchego com coisas e conversas tão fora do mundo acadêmico.

Ao Palito, meu galguinho cinza e branco, que me mostrou que os processos podem ser caóticos, imprevisíveis, e ainda assim adoráveis.

Ao Prof. Jacques Mick, pelo seu papel inspirador durante a graduação no apocalipse. Por sempre ter estado presente de forma acolhedora e empática, aberto ao diálogo e às particularidades dos alunos (algo que já ouvi de outros colegas).

À CAPES e ao CNPq, individualmente, pelas bolsas de Iniciação Científica. Em termos macro que diretamente me afetam, pelo papel importantíssimo que desempenham atualmente frente aos ataques à educação – com ligação direta ao tema desta monografia aqui apresentada. A pesquisa deve sobreviver.

É difícil pensar nas adversidades como propulsoras de futuros privilégios, mas creio que este é um caso. Sem minhas curiosidades levantadas por batalhas individuais também não teria me aproximado do NESFHiS (Núcleo de Estudos em Sociologia, Filosofia e História das Ciências da Saúde), onde tive o prazer de me juntar a um projeto maior que é o “Sofrimento psíquico em acadêmicos da Universidade Federal de Santa Catarina” – os relevantes relatórios decorrentes da pesquisa foram lançados concomitantemente à escrita desta monografia e foram de grande ajuda.

E também aos amigos que, por fim, estão espalhados por aí e tiveram parte neste antídoto ao sofrimento psíquico que é não estar só. A todos aqueles que são ignorantes sobre o quanto me impactaram positivamente ou inspiraram de alguma forma.

en un mundo en el que los individuos naturalmente en riesgo se enfrentan en una competición por el poder y el prestigio, el único modo de evitar un resultado catastrófico es el de instituir entre ellos una distancia suficiente para inmunizar a todos respecto a todos. Contra toda tentación comunitaria, la esfera pública es aquel lugar en el que los hombres entran en relación en la forma misma de su disociación. (ESPOSITO, 2008).

RESUMO

O sofrimento psíquico vem sendo um tema recorrente em estudos do campo das Ciências Sociais – tal questão, afinal, remete a múltiplos fatores relacionais de um indivíduo e de uma dada sociedade. Durante o período universitário, diversos desafios hão de ser encarados frente aos novos tipos de relações naturalmente estabelecidas pelos estudantes desde sua entrada até a conclusão de um curso. A presente monografia se propõe a explorar o universo bibliográfico disponível sobre o tema e convidar a um diálogo mediado pelas lentes da Sociologia, utilizando Pierre Bourdieu como pensador essencial para as reflexões. Por meio da interpretação da base de dados de artigos acadêmicos publicados no período de 2006-2021, verificou-se a presença de temas de importante interesse para pensadores do social, como as relações de poder, capital cultural, desigualdade social, gênero, raça, o mal-estar no período de obtenção do diploma e outros.

Palavras-chave: Sofrimento psíquico. Pierre Bourdieu. Universidade. Capital cultural.

ABSTRACT

Psychic suffering has been a recurrent theme in studies in the field of Social Sciences – this issue, after all, refers to multiple relational factors of an individual and a given society. During the university period, several challenges have to be faced in face of the new types of relationships naturally established by students from their entry to the conclusion of a course. This monograph aims to explore the bibliographic universe available on the subject and invite a dialogue mediated by the lenses of sociology, using Pierre Bourdieu as an essential thinker for reflections. Through the interpretation of the database of academic articles published in the period 2006-2021, it was verified the presence of themes of important interest to social thinkers, such as power relations, cultural capital, social inequality, gender, race, the malaise in the period of obtaining the diploma and others.

Keywords: Psychic suffering. Pierre Bourdieu. University. Cultural capital.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Experiências autorrelatadas de discriminação, segundo motivos percebidos e características sociodemográficas. Rio de Janeiro, Brasil, 2010	34
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Títulos dos artigos do primeiro levantamento bibliográfico com as revistas e as datas de publicação correspondentes	18
Quadro 2 –	Títulos dos artigos do universo do fichamento de textos com as revistas e as datas de publicação correspondentes	19
Quadro 3 –	Artigos selecionados à parte do escopo da SciELO	23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Objetivos	13
1.1.1	Objetivo Geral	13
1.1.2	Objetivos Específicos	13
1.2	Justificativa	13
1.3	Caminho metodológico	15
2	REVISÃO DE LITERATURA DO SOFRIMENTO PSÍQUICO EM UNIVERSITÁRIOS: O OLHAR DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	17
2.1	O universo encontrado	17
3	PRELÚDIO AO PENSAMENTO <i>BOURDIEUSIANO</i>: REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITOS INTRODUTÓRIOS	25
3.1	A escola como objeto de estudo e a violência simbólica	27
3.2	Bourdieu e a saúde – aberturas para pensar a saúde mental	28
3.3	Nossos “excluídos do interior” e a violência simbólica como fonte de sofrimento psíquico	30
3.4	O mal estar do diploma	31
4	A NECESSIDADE DE UM OLHAR SOCIOLÓGICO PARA OS RESULTADOS	33
4.1	O gênero que sofre	33
4.2	Evasão, discriminação e autoestima universitária	35
5	CONCLUSÃO	39
6	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

No sistema social atual, a juventude¹ pode ser vista como um dos segmentos especialmente sobrecarregados e/ou desprotegidos, devendo ter prioridade nos esforços para proteção e promoção da saúde (CONTE; GOLÇALVES, 2006). As constantes demandas da vida universitária evidenciam que o estudante, desde o seu ingresso na instituição, deve apresentar recursos cognitivos e emocionais complexos e específicos para o manejo dessas demandas (PADOVANI *et al.*, 2014). Estudos epidemiológicos têm revelado que transtornos mentais têm maior chance de aparecer pela primeira vez no início da vida adulta, com ênfase no período universitário. Há, inegavelmente, uma crescente taxa de sofrimento mental entre estudantes universitários, se comparados com jovens da mesma idade que não estão na universidade (IBRAHIM *et al.*, 2013).

No período da vida que geralmente coincide com uma transição para a vida adulta, o universitário pode confrontar-se com situações e desafios que nem sempre tangem diretamente o âmbito acadêmico (produtividade, resultados, avaliações), mas fatores como distanciamento do núcleo familiar, a criação de novas redes de amizade, o relacionamento com a instituição e seus funcionários, a dupla jornada de trabalho e estudo, cuidado de filhos e outras atividades domésticas são potenciais novos estressores (CAPONI *et al.*, 2021a).

Foi percebido, particularmente em publicações brasileiras, a ênfase na discriminação racial e a tendência de compreensão dos diferentes tipos de discriminação isoladamente, desconsiderando-se a interseccionalidade e os possíveis efeitos combinados da frequência e intensidade de vários sofrimentos simultâneos para a saúde. O trabalho de Bastos *et al.* (2014), por exemplo, observou que aqueles que sofreram experiências discriminatórias motivadas simultaneamente por classe social, raça e idade apresentaram uma chance de relatar transtornos mentais comuns da ordem de 14 vezes maior, quando comparados aos respondentes

¹ Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde, Organização Mundial da Saúde (OPS/OMS), juventude é uma categoria sociológica que representa um momento de preparação de sujeitos – jovens – para assumirem o papel de adulto na sociedade e abrange o período dos 15 aos 24 anos de idade. No Brasil, a atual Política Nacional de Juventude (PNJ), considera jovem todo cidadão ou cidadã da faixa etária entre os 15 e os 29 anos. A Política Nacional de Juventude divide essa faixa etária em 3 grupos: jovens da faixa etária de 15 a 17 anos, denominados jovens-adolescentes; jovens de 18 a 24 anos, como jovens-jovens; e jovens da faixa dos 25 a 29 anos, como jovens-adultos. Considerando essa divisão, pode-se perceber que o primeiro grupo já está incluído na atual política da criança e do adolescente; entretanto, os outros dois não estão. Embora analisar o significado da palavra juventude possa ser um tema instigante, não se pretende aprofundar essa discussão neste momento. Porém se considera importante salientar que, mesmo incluindo sujeitos de uma mesma faixa etária, a juventude possui características diferenciadas de acordo com o contexto no qual os jovens estão inseridos. Por essa razão, a literatura atual tem utilizado a palavra juventude no plural. O uso da expressão “juventudes” representa o reconhecimento da necessidade de, ao se tratar de jovens, levar em conta que esse segmento constitui identidades e singularidades de acordo com a realidade de cada um. (SILVA; SILVA, 2011).

não discriminados, evidenciando a relevância dos demais tipos de discriminação na relação com o sofrimento psíquico (SOUZA, 2015). Abrem-se, portanto, várias lacunas para uma reflexão sobre adaptação – sobre o que nos faz sentir adaptados e o que nos distancia.

Esta monografia baseia-se, em especial, no diálogo com os estudos de Pierre Bourdieu, buscando repensar de forma relevante uma transposição de suas teorias do âmbito escolar para o acadêmico – a universidade aparece como instituição que pode ser vista como extensão natural da escola para aqueles detentores dos capitais requeridos para adentrar um processo de seleção – que é apenas o começo de um grande desafio e uma nova vivência repleta de questões simbólicas e possíveis exclusões. Pretendo, nesta monografia, explorar além dos escritos no clássico de Bourdieu “A Reprodução” (1992), reflexões do autor que poderiam estabelecer conexões com a Sociologia da Saúde – como seus escritos atentos em específico sobre o corpo.

Um aspecto fundamental para esse diálogo com a perspectiva de Bourdieu é partir do pressuposto de que há inúmeras variações socioeconômicas entre universidades de países distintos ou mesmo em cursos de graduação de uma mesma instituição. É sabido que a realidade francesa a partir da qual Bourdieu tirou a inspiração para seus escritos tem problemáticas bastante distintas da brasileira de um modo geral. Porém, felizmente, contamos com pesquisadores brasileiros, pincelados ao decorrer do trabalho, propondo mobilizar e adaptar os conceitos do autor para nossa realidade. No Brasil, existe uma acentuada diferença socioeconômica e de autopercepção de *status quo* também entre cursos (LIVRAMENTO, 2012, p. 45), além de abismos em uma sociedade profundamente desigual que fortalecem os fenômenos hipoteticamente desencadeadores de sofrimento psíquico. Estamos abordando, pois, um fenômeno coletivo – que se repete em outras sociedades, que se reproduz, que é do interesse inclusive dos epidemiologistas. Questões de prestígio, gênero, raça, classe, status, sensação de pertencimento e até mesmo *self* podem ser olhadas e beneficiadas pelas lentes críticas da Sociologia, que historicamente trabalha na observação desses acontecimentos.

Segundo Pinxten e Lievens (2014, p. 1, tradução nossa):

A posição social continua a ser um importante determinante da saúde: “o estado de saúde diferencial é provavelmente a indicação de classe mais duradoura e incontestável” (Bennett *et al.* 2009: 152). Mais pesquisas, no entanto, são necessárias para compreender plenamente a dinâmica da divisão social em saúde (Mackenbach 2012).

Durante a escrita desta monografia, tive contato com o questionário no relatório recém-publicado “Sofrimento psíquico em acadêmicos da Universidade Federal de Santa Catarina”, em que quase metade dos respondentes afirmaram o chocante dado de que, em algum

momento, já pensaram em tirar a própria vida – taxa esta que aumenta significativamente entre os estudantes de graduação. Várias convergências entre este relatório e as outras publicações que aqui serão revisadas foram encontradas: candidatos entre 17 e 26 anos, autodeclarados PPI e estudantes de graduação afirmam com mais frequência que tirar a própria vida já foi considerado uma opção. Na pesquisa, os estudantes de graduação são os que mais conhecem alguém que já pensou em suicídio ou já o cometeu (CAPONI *et al.*, 2021a). Coloco essa informação de forma introdutória para chamar o leitor para um maior entendimento da gravidade da situação. Parece, pois, ser gritante a necessidade de uma análise de fatores socioeconômicos para futuras proposições de resolução ao problema, com todas as complexidades de sua natureza.

1.1 Objetivos

1.1.1 Geral

Analisar o estado da arte das pesquisas a respeito do sofrimento psíquico no período universitário e apontar possíveis contribuições das Ciências Sociais para o problema.

1.1.2 Específicos

- Identificar os trabalhos que apresentam, de forma bem definida e problematizada, as relações entre sofrimento psíquico, conflitos sociais e diagnósticos psiquiátricos.
- Identificar e descrever as abordagens terapêuticas propostas na literatura para esses sofrimentos.
- Refletir acerca do contexto social, econômico e pedagógico dos sofrimentos descritos nos artigos analisados, relacionando especialmente às teorias de Reprodução Social no que diz respeito à Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu.

1.2 Justificativa

Há poucos trabalhos disponíveis na área de Ciências Sociais nos portais pesquisados, propondo diálogos entre a Sociologia da Saúde e o sofrimento psíquico específico

no período universitário (no presente caso, foi utilizado o portal SciELO, e os detalhes poderão ser conferidos na sessão de metodologia). Esta foi, inclusive, uma das dificuldades encontradas no estágio inicial de revisão bibliográfica: a maior parte dos trabalhos encontrados são publicações em revistas na área da Saúde, com diálogos apenas indiretos com teorias sociais. Essa interdisciplinaridade se mostra muito benéfica e relevante para se pensar em uma solução de problemas efetiva – já que estamos falando de um conjunto de indivíduos, parece mais do que prudente aplicar lentes de uma análise sociológica/antropológica.

Ao pensar em sofrimento psíquico, associações com medicalização são quase inevitáveis na contemporaneidade. Dainius Pūras, no momento da escrita deste trabalho, Relator Especial da ONU em Direitos Humanos e Saúde, é um médico psiquiatra que advoga um olhar voltado para as intervenções sociais como forma primordial de tratamento em saúde mental. Em 2020, na sessão n. 44 do Conselho de Direitos Humanos, Pūras (2020) discursou:

A ação e o investimento em saúde mental devem ser direcionados a apoios baseados em direitos, a alternativas não coercitivas que abordem os determinantes psicossociais da saúde e a desenvolver ou fortalecer práticas não violentas, lideradas por pares, informadas sobre traumas, lideradas pela comunidade, curativa e culturalmente sensível. Os princípios-chave desses esforços são, em primeiro lugar, dignidade e autonomia, seguidos de inclusão social, participação, igualdade e não discriminação, diversidade de cuidados para o desenvolvimento de respostas aceitáveis e de qualidade, bem como a importância dos determinantes da saúde mental. (PŪRAS, 2020, tradução nossa).

Tendo a universidade como uma instituição e um campo relacional entre indivíduos passíveis de uma saúde mental fragilizada (e a experimentar discriminação, isolamento entre outros problemas de ordem diretamente social), a fala de Pūras se apresenta como um grande estímulo para a realização desta pesquisa. Sabendo que soluções “rápidas” são frequentemente prescritas a quadros de sofrimento psíquico, espero com esse trabalho despertar uma atenção especial para o olhar sociológico de um problema latente – deixando claro a necessidade de mais olhares munidos destas lentes para o futuro.

De acordo com o Caponi *et al.* (2021a, p. 8-9):

Leão, Ianni e Goto (2019) mencionam que, em geral, existem dois tipos de estratégias institucionais dirigidas a atender a problemática de saúde mental entre os universitários: (1) estratégias clínico-terapêuticas e (2) estratégias de educação em saúde. As primeiras compõem simultaneamente as estratégias de prevenção ao sofrimento e suicídio e as estratégias terapêuticas. Ambas se estruturam em torno da clínica individual e do conjunto de procedimentos que compõem o ato terapêutico. E as segundas se realizam através de disciplinas oferecidas na graduação ou pós-graduação ou ainda em cursos de extensão. Em sua maioria, se resumem a estratégias isoladas, sem levar em conta as dimensões sociais e institucionais relacionadas com as situações de sofrimento. Para os autores, o que essas estratégias têm em comum é o enfoque individual e individualizante da experiência do sofrimento psíquico entre

estudantes, ainda que se reconheça que existem outras dimensões ou fatores que podem influenciar sua saúde mental.

Tendo em vista a crescente tendência de individualização de sintomas sociais, o tipo de reflexão que a monografia propõe traz consigo um contributo importante no sentido de ajudar a formular novas formas de observar esse fenômeno por uma lente interdisciplinar com as Ciências Humanas.

Segundo Pinxten e Lievens (2014, p. 2, tradução nossa):

Os recursos necessários para selecionar ou adotar estilos de vida relevantes para a saúde específicos emergem da interação entre capital econômico, social e cultural. Nesta forma dinâmica, as desigualdades sociais afetam – por meio de variações de comportamento coletivo – o estado de saúde e os riscos das pessoas. (Abel 2008: 3).

Pesquisas recentes em saúde prestaram muita atenção ao capital econômico e social, mas cultural o capital está atrasado em estudos relevantes.

As pesquisas selecionadas a seguir apontam para variáveis diversas relacionadas a um sofrimento que não podem ser ignoradas: gênero e classe estão apenas no começo de uma vasta lista. Reitero aqui, como basicamente em todo o decorrer desta monografia, a importância de adequar um olhar fenomenológico para o sofrimento psíquico como fenômeno coletivo, e portanto, social.

1.3 Caminho metodológico

Para o caminho metodológico, utilizei uma revisão bibliográfica exploratória, com o objetivo de analisar a partir da perspectiva das ciências sociais, particularmente a partir dos trabalhos de Bourdieu, de que modo é abordada em publicações acadêmicas a questão do sofrimento psíquico nos estudantes universitários.

O percurso se iniciará primordialmente por meio de três seleções: um primeiro quadro estará destinado à exposição do levantamento bibliográfico de base, feito a partir do portal SciELO no período de 2006-2021, em publicações científicas das áreas de Saúde Coletiva, Saúde Pública, Psicologia, Medicina e Epidemiologia, contendo 16 artigos no total. Posteriormente, serão expostos, em um segundo quadro, a bibliografia para diálogo com as Ciências Sociais, sendo 8 artigos selecionados do primeiro quadro. Adicionalmente, por sua relevância para a escrita deste trabalho de conclusão de curso, foram somados três artigos fora do portal SciELO que compõem um terceiro quadro.

Sucessivamente, será discutido, no capítulo 2, o universo encontrado e sua relevância para o diálogo proposto com as Ciências Sociais – apontando pontos de destaque de

cada publicação selecionada. No capítulo 3, introduzo o pensamento Bourdieusiano, com pontos-chave para a reflexão de um sofrimento psíquico no período universitário: as noções de capital cultural, violência simbólica, aberturas para o pensamento da saúde mental, os “excluídos do interior”, e o mal-estar que um diploma pode trazer consigo. No capítulo 4, volto diretamente para o leque de publicações expostas no capítulo 2, para então escrever sobre uma necessidade de um olhar sociológico para os resultados. Serão discutidas, nessa sessão, problemáticas encontradas com frequência nos artigos selecionados, como o sofrimento relacionado a um gênero específico e a discriminações de diversos tipos.

2 UM OLHAR PARA AS PUBLICAÇÕES E SUA RELEVÂNCIA PARA AS CIÊNCIAS SOCIAIS

Neste capítulo, serão expostos os resultados, relevância, discussões e conexões passíveis de serem feitas a partir dos dados observados durante a fase inicial de revisão bibliográfica. Primeiramente, em “O universo encontrado”, apresentarei três quadros, com publicações dispostas pela ordem alfabética, descrevendo um arcabouço geral das publicações de revistas em três etapas diferentes da pesquisa. O primeiro quadro expõe os resultados preliminares de uma busca bibliográfica; o segundo uma seleção de 7 artigos que demonstraram maior potencial de interdisciplinaridade com o objeto de estudo; e o terceiro, publicações de fora do SciELO (portal base para todos os outros artigos), mas com relevância fundamental para uma análise do fenômeno.

2.1 O universo encontrado

O levantamento bibliográfico no portal SciELO identificou 16 artigos explicitados no quadro I, sendo a reunião destes artigos a primeira etapa da pesquisa. Cada referência foi importada para uma tabela no Google Drive e, posteriormente, transferida para um documento separado no Programa Word-Windows10 para análise. Os artigos foram encontrados no portal com a utilização do marcador booleano **AND**.

A seguir, disponibilizo o Quadro 1 para ilustrar o universo do levantamento bibliográfico do portal SciELO, contendo o título, a revista de publicação e a data correspondente. A palavra-chave inicialmente escolhida, “sofrimento psíquico”, apresentou reduzido número de publicações, por esse motivo, procedeu-se a novo levantamento bibliográfico, utilizando então as palavras-chave “saúde mental” e “estudantes universitários”. Dessa vez, a abrangência de resultados mostrou-se maior. As áreas de conhecimento abrangidas pelas revistas são primordialmente Saúde Coletiva, Saúde Pública, Psicologia, Medicina e Epidemiologia. As publicações estão ordenadas pela ordem alfabética.

Quadro 1 – Títulos dos artigos do primeiro levantamento bibliográfico com as revistas e as datas de publicação correspondentes.

Autor	Revista	Título do artigo	Data de publicação
BASTOS, J. L. <i>et al.</i>	Cadernos de Saúde Pública	Discriminação de idade, classe e raça: suas interações e associações com saúde mental em estudantes universitários brasileiros.	2014
BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R.	Psicologia: Teoria e Pesquisa	O impacto das habilidades sociais para a depressão em estudantes universitários.	2016
BRANDÃO, A. S.; BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R.	Paidéia	The predictors of graduation: social skills, mental health, academic characteristics.	2017
CAMPOS, C. R. F. <i>et al.</i>	Sao Paulo Medical Journal	Academic performance of students who underwent psychiatric treatment at the students' mental health service of a Brazilian university.	2017
DANTAS, C. de R. <i>et al.</i>	Sao Paulo Medical Journal	Brazilian university students: predictors of seeking mental health care for a second time.	2011
FLESCHE, B. D. <i>et al.</i>	Revista de Saúde Pública	Episódio depressivo maior entre universitários do sul do Brasil.	2020
GALINDO, S. B.; MORENO, I. M.; MUÑOZ, J. G.	Clínica & Salud	Prevalencia de ansiedad y depresión en una población de estudiantes universitarios: factores académicos y sociofamiliares asociados.	2009
GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. de A. R.	Ciência & Saúde Coletiva	Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados.	2019
JARDIM, M. G. L.; CASTRO, T. S.; FERREIRA-RODRIGUES, C. F.	Psico-USF	Sintomatologia depressiva, estresse e ansiedade em universitários.	2020
LIMA, M. C. P.; DOMINGUES, M. de S.; CERQUEIRA, A. T. de A. R.	Revista de Saúde Pública	Prevalência e fatores de risco para transtornos mentais comuns entre estudantes de medicina.	2006
MAIA, B. R.; DIAS, P. C.	Estudos de Psicologia	Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19.	2020
NEVES, M. C. C.; DALGALARRONDO, P.	Jornal Brasileiro de Psiquiatria	Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários.	2007
PEREIRA, M. da G.; FERREIRA, G.; PAREDES, A. C.	Psicologia: Reflexão e Crítica	Apego aos pais, relações românticas, estilo de vida, saúde física e mental em universitários.	2013
SERAFIM, R. C. da N. S. <i>et al.</i>	Psicologia, Saúde & Doenças	Representações sociais da reforma psiquiátrica e doença mental em universitários brasileiros.	2017
SOUZA, M. V. C. de; LEMKUHL, I.; BASTOS, J. L.	Revista Brasileira de Epidemiologia	Discriminação e sofrimento psíquico de graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina.	2015
SOUZA, M. S. de; BAPTISTA, A. S. D.; BAPTISTA, M. N.	Acta Colombiana de Psicología	Relação entre suporte familiar, saúde mental e comportamentos de risco em estudantes universitários.	2010

Fonte: Elaborado pela autora.

Ilustro a seguir, no Quadro 2, um “afunilamento” dos textos selecionados a partir do Quadro 1, totalizando 7 artigos. As publicações foram selecionadas por apontarem, mais explicitamente, maiores dados e aberturas a respeito de fatores socioeconômicos a serem associados ao sofrimento psíquico.

Quadro 2 – Títulos dos artigos do universo do fichamento de textos com as revistas e as datas de publicação correspondentes.

Autor	Revista	Título do artigo	Data de publicação
BASTOS, J. L. <i>et al.</i>	Cadernos de Saúde Pública	Discriminação de idade, classe e raça: suas interações e associações com saúde mental em estudantes universitários brasileiros.	2014
CAMPOS, C. R. F. <i>et al.</i>	Sao Paulo Medical Journal	Academic performance of students who underwent psychiatric treatment at the students' mental health service of a Brazilian university.	2017
FLESCH, B. D. <i>et al.</i>	Revista de Saúde Pública	Episódio depressivo maior entre universitários do sul do Brasil.	2020
GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. de A. R.	Ciência & Saúde Coletiva	Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados.	2019
JARDIM, M. G. L.; CASTRO, T. S.; FERREIRA-RODRIGUES, C. F.	Psico-USF	Sintomatologia Depressiva, Estresse e Ansiedade em Universitários.	2020
NEVES, M. C. C.; DALGALARRONDO, P.	Jornal Brasileiro de Psiquiatria	Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários.	2007
SOUZA, M. V. C. de; LEMKUHL, I.; BASTOS, J. L.	Revista Brasileira de Epidemiologia	Discriminação e sofrimento psíquico de graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina.	2015

Fonte: Elaborado pela autora.

Primeiramente, antes de comentar os artigos, retomarei o objetivo geral desta monografia: como pode ser estabelecido um diálogo entre as publicações do sofrimento psíquico e as Ciências Sociais? Ao longo da descrição das 7 publicações selecionadas, serão expostos temas que convergem com interesses já conhecidos da Sociologia como gênero, classe, raça e discriminação. O próprio sofrimento psíquico, por si só, entra de forma muito apropriada como objeto de análise por se tratar de um fenômeno coletivo, relacional. Seus aspectos adjacentes confirmam, ao decorrer da exposição, a importância do estudo deste fenômeno nas ciências humanas como um todo.

Em Bastos *et al.* (2014), o título da publicação “Discriminação de idade, classe e raça: suas interações e associações com saúde mental em estudantes universitários brasileiros”

já demonstra o caráter interdisciplinar e de interesse imediato da Sociologia. Esse estudo se propõe explorar experiências de discriminação, suas atribuições relatadas, contextos de ocorrência, interações e associações com transtornos mentais comuns. O autor afirma que condições em que ocorre a discriminação no meio universitário podem multifacetadas, mas considera o processo contextual, fluido e ambíguo de classificação racial observado no Brasil. São citados os pensadores Marvin Harris e Thales de Azevedo (médico e antropólogo) para embasar a identificação de um processo de branqueamento no sistema de classificação racial brasileiro. Dada a identificação de grupos de cor com características de classe e posição social, haveria uma tendência de pretos e pardos de status mais elevado serem socialmente aceitos como brancos – ideia que, em específico, parece alinhar-se bem às teorias do capital de Bourdieu. Os autores propõem que, dependendo do contexto e das características sociais adquiridas ou atribuídas a uma potencial vítima, a discriminação pode manifestar-se ou não (BASTOS *et al.*, 2014, p. 176-177).

Ademais, é preciso avaliar os vários tipos de discriminação sem descartar seus efeitos sobre a saúde. As múltiplas formas como o fenômeno discriminatório prejudica a saúde precisam ser avaliadas a partir do reconhecimento de contextos socioculturais distintos, o que também deve ser considerado para a elaboração de políticas eficazes contra, por exemplo, homofobia, sexismo e racismo. O estudo descreve a discriminação como um fenômeno social – devendo ser tratado dessa forma desde sua manifestação até as possíveis políticas aplicadas ao seu combate.

Campos *et al.* (2017), em seu artigo publicado na revista “São Paulo Medical Journal”, por meio de uma pesquisa sociodemográfica, apontaram que os indivíduos que mais procuraram atendimento no SAPPE (Serviço de Apoio Psicológico e Psiquiátrico ao Estudante) eram mulheres que dividiam moradia (repúblicas) e bolsistas (CAMPOS *et al.*, 2017, p. 25). É enfatizada a importância de uma correlação específica entre gênero e saúde mental, além de afirmar que este resultado se mostra convergente com estudos anteriores. Além disso, é descrito que a relação inversa entre transtornos mentais e padrão de vida econômico é um dos resultados mais consistentes da estudos epidemiológicos populacionais e estudos sobre atenção primária, não só no Brasil, mas também internacionalmente. No entanto, a relação saúde/doença mental e vulnerabilidade social é muito complexa e requer profunda reflexão e contextualização para para ser entendida. (CAMPOS *et al.*, 2017, p. 26). É enfatizado que uma lógica simplista que relaciona “loucura” a “pobreza”, reforçando o estigma e preconceito em relação a uma população menos favorecida, é uma armadilha a ser evitada (GAMA; CAMPOS; FERRER, 2014).

O artigo “Episódio depressivo maior entre universitários do sul do Brasil”, de FLESCH *et al.* (2020), apontou em seus resultados a prevalência de EDM (episódio depressivo maior) em pessoas do sexo feminino, que moravam com amigos e colegas, com orientação sexual de minorias (homossexuais e bissexuais), estudantes da área de ciências sociais aplicadas e humanas, linguística, letras e artes. Tendo em vista que uma considerável parte dos estudos foi realizada em ambientes universitários predominado por estudantes da área da Saúde (Medicina, Enfermagem, Farmácia), os resultados dessa pesquisa apresentam um importante diferencial a ser observado – e, por uma possível proximidade imediata com a temática, surge o questionamento de que pesquisas sobre o tema poderiam ser mais realizadas por pesquisadores da Saúde (FLESCH *et al.*, 2020, p. 6). É destacada a necessidade da criação de políticas públicas e institucionais que tenham foco na promoção de saúde e atenção à saúde mental dos estudantes. (FLESCH *et al.*, 2020, p. 9).

A publicação “Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados”, de Graner e Cerqueira (2019), foi um dos trabalhos mais completos encontrados a respeito do estado da arte do sofrimento psíquico. Nele, é feita uma revisão bibliográfica geral de bibliografia nacional e internacional, com uma amostra final de 37 artigos selecionados por meio da base de dados *Web of Science*, *Medline* e *Scopus*. Foram relacionadas seis diferentes categorias para os fatores associados ao sofrimento psíquico: (1) Sociodemográficas, (2) Saúde, (3) Relacionais, (4) Acadêmicas, (5) Psicológicas e (6) Sociais/Violência. Para uma análise sociológica, a compreensão e visão interseccional dessas categorias se torna bastante relevante em diferentes aspectos. No item (6), a publicação de Bastos *et. al* é referenciada ao discutir violência e discriminação em ambiente universitário, apontando que estudantes que referiram discriminação foram 14 vezes mais propensos a apresentar sofrimento psíquico (GRANER, CERQUEIRA, 2019, p. 1342). Nos parágrafos finais, é apontado que a violência escolar, trote, *bullying*, discriminação social entre universitários, estruturas pedagógicas e curriculares dos cursos são aspectos que carecem de uma pesquisa mais profunda afim de compreender sua influência sobre os estudantes e seus efeitos negativos na saúde dos indivíduos (GRANER; CERQUEIRA, 2019, p. 1343)

“Sintomatologia Depressiva, Estresse e Ansiedade em Universitários”, publicação de 2020 na revista *Psico-USF*, por sua vez, propôs-se o objetivo de verificar os níveis de ansiedade, estresse e sintomatologia depressiva de estudantes dos cursos da área de saúde de uma universidade pública federal em início e fim do curso. O ponto de destaque para o interesse de pesquisa desta monografia foi a verificação da relação entre os constructos, possíveis diferenças entre sexos, assim como peculiaridades socioeconômicas da amostra investigada.

(JARDIM *et al.*, 2020, p. 647). Há, também, uma reflexão acerca de uma recente realidade brasileira de ampliação e interiorização do Ensino Superior no Brasil, fenômeno que teria levado a uma maior diversificação socioeconômica dos universitários. Os autores ponderam:

[...] Desse modo, pode-se sugerir que não parece ser o ambiente universitário de forma individual que é adoecedor, mas uma combinação de fatores, como a mudança de perfil dos estudantes que tem entrado no ensino superior, que contribuem com o aumento dessas sintomatologias. (JARDIM *et al.*, 2020, p. 651).

Desse modo, sem pretender antecipar uma introdução de Bourdieu (à qual dedico especialmente o capítulo 3), há uma relação intuitiva e útil com os conceitos de *habitus*, capital cultural e social de Bourdieu. Em termos bourdieusianos, a universidade constitui um “campo” (BOURDIEU, 1991); um espaço social e histórico com regras e limites que moldam a interação e as possibilidades sociais. O campo acadêmico seria construído pelo *habitus*; e o capital social, econômico e cultural de um estudante determinará até que ponto eles se sentem integrados e aceitos (CANT, 2017).

A publicação “Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários”, dos autores Neves e Dalgarrondo (2007), buscou verificar a frequência de transtornos mentais autorreferidos entre estudantes de graduação da UNICAMP, por meio da identificação de fatores demográficos e psicossociais associados à prevalência de transtornos mentais. O modelo de regressão logística utilizado apresentou resultados convergentes com Flesch *et al.* (2020, p. 241): a variável independente da área de humanas e artes esteve mais fortemente ligada a queixas de sofrimento psíquico em relação a áreas da saúde, ciências básicas, exatas e biológicas. O gênero feminino foi a variável que mais fortemente se associou de modo independente a possuir um transtorno psiquiátrico (FLESCH *et al.*, 2020, p. 43) – fato que converge com outros resultados demonstrados em publicações acima e será tratado mais isoladamente no item 4.1. O artigo, porém, por se tratar de um estudo transversal, não se ateu a estabelecer relações de causalidade.

Encerrando esta sessão, temos a publicação “Discriminação e sofrimento psíquico de graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina”, divulgada na Revista Brasileira de Epidemiologia. Bastos (2014) aparece como um dos autores – com Souza e Lemkuhl. Um importante marcador de relevância é o apontamento de que o Brasil é considerado um país cujas relações sociais são complexas, apresentando a miscigenação como aspecto sociológico distintivo. É explícita a abertura para uma interligação dos resultados encontrados com a Sociologia, apesar de o estudo deixar a interseccionalidade como uma limitação de pesquisa, pois:

[...] embora o estudo investigue todos os tipos de discriminação e aborde a interseccionalidade no momento da aferição do fenômeno, nenhuma análise foi realizada para investigar diretamente esse aspecto. Cabe destacar que estudo prévio, realizado também com universitários brasileiros e utilizando os mesmos instrumentos de mensuração aqui empregados, já apresentou resultados da análise da interseccionalidade em experiências discriminatórias. (SOUZA *et al.*, 2015, p. 535).

Destaca-se ainda que diferentes categorias sociais têm seu processo de formação de identidade entrelaçado, sendo de grande importância para a compreensão fenomenológica a investigação futura das motivações discriminatórias. Finalmente, conclui-se que há uma forte ligação entre discriminação e sofrimento psíquico, reforçando assim a relevância do fenômeno discriminatório como determinante das condições de saúde e a hipótese de natureza causal dessa associação (SOUZA *et al.*, 2015, p. 536).

Quadro 3 – Artigos selecionados à parte do escopo da SciELO

Autor	Fonte	Título do artigo	Data de publicação
CAPONI, S. <i>et al.</i>	Relatório de Pesquisa do NESFHIS/UFSC	Sofrimento psíquico em acadêmicos da Universidade Federal de Santa Catarina.	2021a
CAPONI, S. <i>et al.</i>	Relatório de Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFSC	Sofrimento psíquico em acadêmicos da Universidade Federal de Santa Catarina.	2021b
LIVRAMENTO, V.	Repositório UFSC	Evasão nos cursos presenciais de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina.	2012

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesta sessão, apresento artigos selecionados fora do escopo da SciELO, mas de notável relevância ao fazer uma revisão bibliográfica a respeito do sofrimento psíquico na universidade.

Os relatórios de sofrimento psíquico da Universidade Federal de Santa Catarina (CAPONI *et al.*, 2021a; CAPONI *et al.*, 2021b) foram de extrema convergência e importância para a escrita da monografia. Neles, são expostos resultados de um questionário de 44 perguntas a nível quantitativo (há, também, uma pesquisa qualitativa ainda em desenvolvimento no presente momento de escrita deste trabalho). É reconhecido que os dados convergem com muitas outras pesquisas de âmbito nacional (CAPONI *et al.*, 2021a, p. 6), mas é também destacada a necessidade de, com os resultados, delinear um perfil capaz de promover e orientar estratégias de atendimento “a partir do ambiente institucional, para além do atendimento psicossocial individual ou da realização de estratégias de capacitação em saúde” (CAPONI *et al.*, 2021a, p. 7).

De acordo com Caponi *et al.* (2021a, p. 80):

Como esperado, as pessoas que se autodeclararam PPI são as pessoas que sofrem com racismo dentro [...] e fora [...] da universidade. Relatou também sofrer mais racismo fora da UFSC o grupo de estudantes que têm filhos [...]. Da mesma forma, as pessoas que se identificam com o sexo feminino são as que afirmaram sofrer machismo dentro [...] e fora [...] da UFSC. O machismo dentro da UFSC tem ainda uma peculiaridade de ser maior entre as estudantes com menos de 26 anos e que não possuem filhos [...]. O assédio sexual fora da UFSC atinge com mais frequência aquelas pessoas que se identificam com o sexo feminino [...]. Já o assédio moral foi mais assinalado por estudantes com mais de 37 anos, com filhos e matriculados na pós-graduação [...]. As pessoas que mais frequentemente relataram não ter sofrido nenhum tipo de violência foram as autodeclaradas brancas, que se identificam com o sexo masculino e que possuem mais de 37 anos [...].

É destacada a necessidade de atentar-se à armadilha de encarar o sofrimento psíquico apenas como fenômeno individual – pois, em geral, trata-se de um acontecimento multifatorial, complexo, que diz respeito também a aspectos coletivos, opressões e violências específicas, questões socioculturais e econômicas, contextos acadêmicos.

No caso específico do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Santa Catarina, mais de 1/4 (28,1%) dos respondentes afirmaram que possuíam algum diagnóstico psiquiátrico, além de pouco mais de 1/3 (36,9%) dos estudantes afirmarem ter sofrido discriminação em algum momento dentro da universidade. Entre todos os centros da UFSC, foi aquele com maior proporção de estudantes que já pensaram em tirar a própria vida – 46,1% concordaram com essa afirmação no questionário, sendo que, na graduação, a porcentagem foi de 51,1%. Essas informações são importantes para pensar nas causas de um sofrimento psíquico maior em estudantes da área de ciências humanas no Brasil, hipótese também já levantada em publicações anteriores descritas a partir do Quadro 2.

A dissertação de mestrado de Livramento (2012) “Evasão nos cursos presenciais de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina” apresenta, por meio de uma pesquisa quantitativa e descritiva, importantes apontamentos a respeito de uma constante evasão ao longo do período de análise. Sua pesquisa, apesar de não se ater a muitas hipóteses qualitativas e explicações causais, leva em conta fatores socioeconômicos e importantes dados sobre uma evasão em cursos com menor *status quo* e concorrência. Seu trabalho será melhor abordado no item 4.2, por adentrar no universo da “Evasão, discriminação e autoestima universitária”.

3 PRELÚDIO AO PENSAMENTO BOURDIEUSIANO: REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITOS INTRODUTÓRIOS

As preferências, gostos e comportamentos das pessoas são conseqüentemente estruturados ao longo da configuração do espaço social, e os estilos de vida podem ser considerados um marcador de posição social. Para situar as pessoas no espaço social, surge, em Bourdieu, a teoria do capital (1986). Nela, o autor faz uma crítica ao foco nas relações de troca monetária e define o capital como “trabalho acumulado”, podendo este existir de forma materializada ou apenas incorporado subjetivamente ao indivíduo. Em particular, no pensamento *bourdieusiano*, é levada em conta a evolução na quantidade e composição de três formas de capital para determinar a posição de um indivíduo no espaço social: capital social, econômico e cultural. Além disso, o autor enfatiza a interação entre as diferentes formas de capital, na medida em que podem ser convertidas umas nas outras e que o uso e a aquisição de uma forma específica de capital dependem das outras formas de capital, estabelecendo, dessa forma, fortes relações de interdependência.

Já a teoria da reprodução social (BOURDIEU, 1992) está focada nos aspectos culturais da desigualdade social, em uma investigação de quais mecanismos podem criar ou perpetuar a reprodução social e possibilitar, assim, a manutenção de uma sociedade de classes. Segundo o autor, o mecanismo mais relevante de reprodução social é justamente a imitação e violência simbólica, fenômeno explicado mais adiante. O sistema educacional é entendido por Bourdieu como fator chave na legitimação das estruturas sociais e relações de classe existentes, pois é baseado nos padrões e conhecimentos das classes detentoras de poder. Seu reflexo nas relações de poder existentes na sociedade, de forma geral, pode ser demonstrado em indivíduos mais familiarizados desde cedo com a cultura dominante (capital cultural) tendo mais sucesso escolar ou acadêmico.

Como consequência, os alunos de origem social menos favorecida adaptam-se com mais dificuldade à cultura escolar, geralmente apresentando menor rendimento e menores aspirações educacionais e profissionais. O sistema educacional é, dessa forma, um fator importante na manutenção das desigualdades sociais, à medida que alunos de famílias financeira, educacional e socialmente privilegiadas alcançam maior sucesso acadêmico e profissional e, assim, são mantidos os padrões de estratificação social e posições de poder herdadas (KOŠUTIĆ, 2017). De acordo com Goldthorpe (2007, p. 11), haveria uma “garantia dupla” do fenômeno da reprodução social: uma vez pela transmissão do capital da família a sua

prole, e secundamente pelo sistema educacional que geraria empecilhos a uma mobilidade social.

Devido a sua relevância para o sistema educacional, em que a universidade é compreendida como uma extensão “natural” para uma classe privilegiada, o capital cultural de Bourdieu (1992) pode ser visto como fator chave para a perpetuação de desigualdades sociais no âmbito acadêmico. Porém, enquanto o trabalho de Bourdieu é visto como bastante significativo para a compreensão da vida acadêmica, apenas recentemente sua abordagem foi aplicada à Sociologia da Saúde e, raras vezes, foi ampliado para discussões acerca da saúde mental (CANT, 2017).

É apontado pelo autor que o conhecimento sobre as “regras do jogo” e um bom domínio das normas e convenções seria justamente o lucro que o capital social privilegiado proporciona ao indivíduo (BOURDIEU, 1999).

Bourdieu (2001) argumenta que, quando há discrepância entre disposições no *habitus* e as condições do campo, ocorre um estado conceituado como *hysteresis*. Além disso, ele sugeriu que a disparidade entre o desempenho no Ensino Superior e origens sociais mais baixas pode produzir um *habitus clivé*. Em sua teoria, uma pessoa experimenta *habitus clivé* quando suas condições de existência mudam tão dramaticamente ao longo de sua vida que é sentida pelo indivíduo uma perda de coerência e um senso de *self* negativamente afetado pela contradição e divisão interior (BOURDIEU, 2001). Uma transição de ambiente social poderia, portanto, levar a uma contradição e sofrimento psíquico por uma incoerência no *self*. Cria-se então (CANT, 2017) a hipótese de os alunos que não se adaptam à vida universitária ou que sentem não se adaptar serem justamente o grupo mais vulnerável ao sofrimento psíquico neste ambiente.

Ademais, são consideradas tensões impostas entre capital cultural e econômico: para estudantes em situação financeira vulnerável, como é o caso de uma considerável parcela universitária no Brasil, haveria a hipótese de um maior sofrimento psíquico em relação aos demais em virtude da incerteza se o capital cultural a ser adquirido poderá ou não ser revertido em um uso prático no mercado de trabalho – transformando-se em capital econômico. Cant (2017) sugere que podemos estender as consequências psíquicas da *hysteresis* em uma realidade em que as experiências de deslocamento podem produzir isolamento, desespero e uma sensação de fracasso pessoal. Assim, há uma maneira de se teorizar a ligação entre classe e saúde mental – o próprio autor enfatizou a importância de uma união entre os conhecimentos da Sociologia e Psicologia em sua fase final de carreira (BOURDIEU, 2001, p. 201).

3.1 A escola como objeto de estudo e a violência simbólica

Um aspecto primordial de Bourdieu que será usado nesta monografia é sua busca pela compreensão dos mecanismos pelos quais a educação ou, mais concretamente, a escola contribuem para a produção e a reprodução de uma sociedade de classes. O papel da escola, fundamentalmente, torna-se o de ocultar a relação das forças caracterizantes da cultura de um grupo como cultura legítima, isto é, aquela autorizada a ser transmitida pela instituição escolar. Trata-se de um mecanismo capaz de dissimular o que há de arbitrário no que é entendido como cultura, exercendo uma violência simbólica no processo de tornar a cultura de um grupo específico como única possível de ser reproduzida.

Para contextualmente entender o pensamento do autor, há de se pensar na formação de uma escola única e obrigatória que estava sendo instalada ao longo do século XIX na França. As famílias se viram obrigadas a enviar os filhos para um local especial, em que eles iriam aprender uma série de saberes pré-definidos pelo Estado. Há uma extensão da escolarização que, até então, era papel da família (agente por excelência das ações de socialização) e é vista uma universalização do ensino secundário. A partir do estreitamento dos vínculos entre escolarização e mercado de trabalho, surge uma forte demanda por educação por grupos menos privilegiados, o que catalisa o entendimento da escola e da educação escolar como um novo problema social (NOGUEIRA, 1990).

É preciso reconhecer também que as modificações ocorridas na composição social do público escolar, garantiram alguns avanços (entre eles a extensão da obrigatoriedade escolar) no processo de democratização do ensino. “O crescimento dos efetivos escolares explica-se assim pela conjugação de dois fenômenos, um, conjuntural, o movimento demográfico, o outro, estrutural, os progressos da escolarização”, conclui Prost (1968, p. 438). (NOGUEIRA, 1990, p. 53).

A escola como objeto de interesse de estudo empírico minucioso nesse marco temporal foi possível graças a um aumento da demografia escolar, expansões científicas e a levantamentos estatísticos específicos que surgiram na época. O INED (*Institut National d'études démographiques*), criado em 1945, sob a direção de Alfred Sauvy, foi um dos propulsores iniciais para o interesse fenomenológico de Bourdieu e outros autores coetâneos. Por mais que não tenha sido criado com a missão explícita de tratar das questões escolares, desde o início, o INED voltou-se para a investigação das características e da evolução das populações escolares (NOGUEIRA, 1990).

Bastide, Paul Clerc e o próprio Alfred Sauvy, inauguravam, assim, nos anos 50, o campo da demografia escolar empreendendo um recenseamento da população

escolarizada em que se tentava responder basicamente a duas perguntas: “quantos eles são?” e “quem são eles?”.

Através de descrições estatísticas (à maneira dos demógrafos), objetivava-se conhecer as condições de seleção e de frequência ao sistema escolar, e os mecanismos de orientação no interior dele. Para isso, tratou-se de relacionar o lugar ocupado pelo educando no aparelho escolar (grau, tipo de estudos, estabelecimento etc.) com uma série de variáveis tais como: idade, sexo, tamanho da família, ordem de nascimento no conjunto dos irmãos, ocupação e nível de escolaridade dos pais, habitat, desempenho escolar anterior etc.), estabelecendo pioneiramente na França um estudo da “estratificação social das escolaridades” (Isambert Jamati, 1974). (NOGUEIRA, 1990, p. 55).

Pela ótica dessa discussão, pelo “raio X” da “estratificação social das escolaridades”, vejo como de extrema importância trabalhos estatísticos como os levantados pelos relatórios de Sofrimento Psíquico na Universidade Federal de Santa Catarina (CAPONI *et al.*, 2021a), pois possibilitam o que tento fazer nesta monografia. Com toda a modéstia cabível, tento me aproximar um pouco do que os autores franceses anteriormente fizeram em sua sociologia crítica – um diálogo com as Ciências Sociais a partir de uma anterior coleta de dados. No presente caso, trata-se de uma revisão bibliográfica de dados diversos que podem e devem estar interligados a reflexões teóricas no campo das humanidades.

[...] e este é um dos propósitos explícitos deste texto – a importância da pesquisa empírica dos anos 50/60 para a elaboração desta sociologia da reprodução. Sem os fatos estatísticos estabelecidos nesses anos, a existência dessa última seria mesmo impensável. E a prova mais contundente disso é o uso significativo desses dados, feito pelos principais representantes das teorias da reprodução: Bourdieu e Passeron bem como Baudelot e Establet recorrem largamente aos dados do INED; Bowles e Gintis, por seu turno, fazem uso, entre outros, de dados do Project Talent e do Coleman Report, para ficar apenas nesses exemplos. Karabel e Halsey (1977), em sua retrospectiva da pesquisa sociológica em educação, chegam mesmo a afirmar – com base nas teses de Goudner sobre as mudanças nas ciências sociais – que o paradigma da reprodução mais do que uma inovação científica, propriamente dita, consistiu-se numa “nova maneira de olhar velhos dados” (*new ways of looking at old data*), isto é, numa reinterpretação – radical, é bem verdade – de fatos já anteriormente estabelecidos. (NOGUEIRA, 1990, p. 57).

Nenhum dos quatro autores (Bourdieu, Passeron, Baudelot e Establet) eram demógrafos – o que não significou que os resultados de uma minuciosa pesquisa demográfica não pudessem ser contextualizados sob uma ótica da Sociologia. Esse exercício da interdisciplinaridade, ou da “nova maneira de olhar velhos dados”, deve ser estimulado – pois está no cerne de como teorias foram formadas.

3.2 Bourdieu e a saúde – aberturas para pensar a saúde mental

Quanto à Medicina, é irreal – e indesejável - desvencilhar o campo do sofrimento psíquico aos conhecimentos médicos, visando um conhecimento de causa puramente sociológico. Em diálogo com a sociologia médica e da saúde, é importante salientar

que a rigor não há estudos publicados por Bourdieu em que são expressados em específico seus pensamentos em relação a esses campos. O que, entretanto, não significa que suas teorias tenham relevante contribuição nos estudos dessas áreas. (MONTAGNER, 2008, p. 1589).

Pensando sobre isso, Montagner (2008) propõe que, sendo o corpo ponto geométrico central das práticas em saúde, a maior contribuição de Bourdieu para essa área foi o redescobrimto e recolocação do corpo e sua respectiva sociologia no âmbito das ciências sociais, retomando os aspectos simbólicos desse objeto transversal, o que se torna bastante útil para a elucidação dos aspectos referentes ao adoecimento nas sociedades modernas e, passando para o tema de interesse da monografia aqui presente, a um sofrimento psíquico também desencadeado por fatores relacionados a estilos de vida. Pela ótica bourdiesiana, uma nova ótica na sociologia do corpo pode ser útil para a compreensão de uma sociologia da saúde com foco no agente social.

Em Bourdieu, o corpo é tomado primeiramente como um fato concreto, uma substância que compõe um contorno delimitado em um espaço físico, uma forma perceptível. Essa forma compõe o corpo real, o físico, ao mesmo tempo percepção estática como uma foto ou uma pintura, e também uma percepção dinâmica, que mostra as maneiras de se comportar, de se portar, locomover, enfim todas as manifestações de uma pessoa. Se nós existimos como um ponto no espaço físico, o social está inserido no interior deste espaço como uma memória gravada em nossos corpos, como o resultado histórico e composto pelo arbitrário cultural: em ambos os casos, estamos situados e nos definimos como pessoas, por meio de nossa relação com nosso corpo. Assim, ele é um reflexo da incorporação da estrutura social e também um vetor de reprodução e perpetuação da dominação. (MONTAGNER, 2008).

A socióloga britânica Diane Reay (REAY, 2005; REAY, 2015) argumentou veementemente em suas pesquisas que o *habitus* fornece uma janela para o psicossocial. Ela argumenta que viver e vivenciar a desigualdade tem impacto na psique: tem uma impressão emocional/afetiva que se manifesta no nível do consciente e inconsciente: “o conceito de *habitus* é útil para entender como uma economia psíquica de classe social – sentimentos de ambivalência, inferioridade e superioridade, aversões viscerais, reconhecimento e abjeção – é internalizada e praticada” (CANT, 2017, p. 11, tradução nossa).

Segundo Cant (2017, p. 12, tradução nossa):

Esses *insights* apontam para a importância de estudar as consequências patológicas quando uma incompatibilidade entre as expectativas da sociedade / universidade e o *habitus* de certos grupos de alunos ocorre. No entanto, existem outras correlações com o acesso ao capital econômico. A literatura sobre a relação entre fatores econômicos e transtorno mental corrobora a sugestão de que a dívida tem um papel a desempenhar na vulnerabilidade mental dos estudantes universitários e é nascente pesquisa especializada nesta área. Vários estudos estabeleceram uma forte relação entre pobreza e doença mental e que têm mostrado graduações de parentes dificuldade financeira vinculada a graduações em funcionamento psicológico.

Ou seja, é visto que corpo funciona como instrumento que pode absorver de forma psicossomática sofrimentos do meio social. No trabalho de Cant (2017) são explicitados fatores de estresse durante o período universitário que podem estar ligados ao sofrimento psíquico e o adoecimento do corpo, tais como a mudança de residência, a necessidade de maior independência social e acadêmica, a diminuição simultânea do apoio da família e amigos estabelecidos, a intermediação de novos relacionamentos e o rompimento de relacionamentos, as novas questões de sexualidade etc.

3.3 Nossos “excluídos do interior” e a violência simbólica como fonte de sofrimento psíquico

Escrito por Pierre Bourdieu com a colaboração de Pierre Champagne, o artigo “Os excluídos do interior”, parte do livro “A miséria do mundo”, mostrou-se um texto didaticamente muito relevante em conexões com a presente monografia. No texto, o autor observa, por meio de suas categorias de análise, como se dão específicas desigualdades dentro do universo escolar e discorre sobre as desigualdades existentes previamente a uma seleção de candidatos desse sistema (e, também, observa desigualdades existentes antes da própria seleção).

Com o “acesso escolar por parte das categorias sociais até então excluídas” (BOURDIEU, 1997), é observado paradoxalmente um efeito negativo na democratização do amplo acesso ao universo educacional na instituição “escola” – que, no caso desta pesquisa, pode ser transpassado para a instituição “universidade”.

Sobre as atuais políticas públicas, Borges (2018, p. 499) afirma:

Além da permanência material relacionada a questões financeiras, existe também a permanência simbólica. Ao mesmo tempo em que as políticas públicas garantem o ingresso de grande quantidade de jovens mais pobres, é preciso que haja medidas para garantir a plena integração desses estudantes, que muitas vezes não têm noção sobre as regras – formais e informais – do mundo acadêmico. O simples aumento da frequência de ingresso de jovens de classes populares no ensino superior não deve ser tomado como um sinônimo de democratização nem como um sinal incontestável de diminuição de desigualdades sociais (ALMEIDA, 2009, 2014; BARBOSA, 2015a, 2015b; HERINGER, 2010). As políticas governamentais e institucionais devem ser analisadas para além dos números brutos de ingressantes, considerando a efetividade da inclusão deste “novo público” na universidade, os níveis de conclusão de curso e as oportunidades no mercado de trabalho.

A violência simbólica pode ser entendida, por exemplo, pelo trecho:

[...] após o ingresso e o período inicial de euforia, a realidade diária se mostra com força a esse “novo” público que ingressa em um ambiente desconhecido, cujas regras formais e informais não são de domínio dos mesmos e que podem, em algumas

circunstâncias, adquirir ares de hostilidade e gerar insegurança e apreensão. A frequência a ambientes de sociabilidade desconhecidos, as formas de se vestir e falar assuntos que dominam trazem novas tensões a esse estudante, além daquelas recorrentes da necessidade de inserção profissional. O sentimento de “não fazer parte daquele mundo” tende a ser muito frequente.

A “falta de interesse” ou esforço não pode ser apontada como a causa da maior parte dos fracassos dos mais pobres no acesso a atividades acadêmicas e complementares. Esse grupo sem tradição nos espaços universitários pode enfrentar dificuldades para ingressar em espaços valorizados no meio acadêmico por diversas razões. Uma delas é o *gap* trazido da educação básica por esses indivíduos e que dificulta a trajetória durante o ensino superior (ZAGO, 2006) por eles não possuírem determinados itens e características específicas de capital cultural valorizadas na seleção subjetiva dos professores (BOURDIEU; PASSERON, 1975). Bourdieu (1999) aponta as informações sobre o sistema universitário como elementos essenciais para a trajetória. Dessa forma, podemos afirmar que saber a quem procurar ou como agir e se adaptar em determinadas situações pode contar pontos para o estudante recém-chegado à universidade. Nesse ponto, o contato com alunos veteranos pode ser um meio interessante para que esses alunos consigam informações, visto que, muitas vezes, as universidades não as fornecem de forma satisfatória. (BARBOSA; PRATES, 2015). (BORGES, 2018, p. 500).

3.4 O mal estar do diploma

Segundo Livramento (2012, p. 24):

Nas duas últimas décadas a educação superior ampliou, de forma substancial, seu espaço no sistema educacional brasileiro, o que se percebe através da análise dos dados divulgados ano após ano pela assessoria de comunicação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. A quantidade de cursos ofertada pelas instituições de ensino superior aumentou em 118% no período de 1994 a 2001, possibilitando que mais estudantes tivessem acesso à graduação (INEP, 2009a).

A entrada de camadas sociais que até então não tinham acesso à escola, na disputa pelos títulos escolares, obrigou as camadas que já detinham os privilégios da reprodução na escola a intensificar seus esforços para a manutenção da distinção de seus diplomas. A depender de sua posição no espaço social, grupos distintos estabelecerão em torno do diploma uma disputa por classificação – pois, com o mesmo nível de diploma, assumem-se postos gradativamente menos elevados na hierarquia ocupacional.

Os detentores de capital social herdado, graças a uma origem social elevada, resistem à desvalorização dos diplomas, sendo o grau de resistência proporcional à posição que cada jovem ocupa na hierarquia dos diplomas. Valem-se de várias estratégias para assegurar a posição que lhes era garantida em época anterior, com o mesmo título. As grandes vítimas dessa desvalorização são os ingressantes no mercado de trabalho sem diplomas e, também, privados de capital social. (HEY; CATANI; MEDEIROS, 2018, p. 179).

Produto da conversão de capital econômico em capital cultural, estabelece o valor, no plano do capital cultural, do detentor de determinado diploma em relação aos outros detentores de diplomas e, inseparavelmente, o valor em dinheiro pelo qual pode ser

trocado no mercado de trabalho – o investimento escolar só tem sentido se um mínimo de reversibilidade da conversão que ele implica for objetivamente garantido (BOURDIEU, 1979, p. 6).

Se no contexto bourdieusiano, o mal-estar pelo diploma acontecia diretamente interligado ao “excesso” de diplomas aparentemente iguais e à subsequente diferenciação que teria de ser exercida entre indivíduos, mais tarde, por meio do capital cultural, surgem importantes reflexões a respeito da contemporaneidade brasileira – que não serão meu foco nesta monografia. Há todo um debate a respeito de fenômenos como a uberização e a crescente desvalorização do diploma em relação ao conhecimento técnico como fenômeno como fenômenos intrínsecos ao neoliberalismo – discussão extremamente atual e essencial para o entendimento e reflexão da realidade universitária do Brasil. “A precariedade está hoje por toda parte”, texto de Pierre Bourdieu de 1998 explicita bem alguns pontos tão contemporâneos: o autor entende que a precariedade torna-se um empecilho tanto para a antecipação racional quanto para a esperança em um futuro, forças necessárias para uma revolta coletiva contra o presente (CASTRO, 2020).

Parece adequado refletir acerca deste mal-estar de classe como predispositor a um sofrimento psíquico no ambiente universitário de um país essencialmente precarizado – algo que é paralelamente observado em contexto internacional.

4 A NECESSIDADE DE UM OLHAR SOCIOLÓGICO PARA OS RESULTADOS

As “lentes” das Ciências Sociais revelam a relatividade histórica e cultural do diagnóstico e mostram como os significados, respostas e manifestações de angústia podem ser moldados socialmente. Essas percepções deram peso empírico e teórico ao movimento antimanicomial e servem para posicionar muitos *insights* sociológicos por meio de uma visão crítica. É este posicionamento, ao lado do domínio do modelo biomédico, que tem servido para limitar a influência e impacto da sociologia para a compreensão do aumento dos transtornos de saúde mental (CANT, 2017).

4.1 O gênero que sofre

Nos dois Relatórios Finais de Sofrimento Psíquico (CAPONI *et al.*, 2021a; CAPONI *et al.*, 2021b), a população feminina, além de ser a que mais apresenta variáveis do sofrimento psíquico, também é a que mais afirmou possuir algum diagnóstico psiquiátrico (p. 51) e que com mais frequência procuraram terapia. Esses preocupantes resultados confirmam a hipótese de um sofrimento psíquico maior entre mulheres.

De acordo com Caponi *et al.* (2021a, p. 70):

Grande parte dos estudantes está se sentindo cansado, nervoso, tenso ou preocupado, e anda se sentindo pressionado em relação aos seus estudos, como é possível observar na tabela 41. As pessoas que se identificam com o sexo feminino e aquelas com menos de 46 anos tendem a se sentir mais nervosas, tensas e/ou preocupadas (figura 46) e mais cansadas (figura 52). O mesmo grupo costuma se sentir também, com mais frequência, fracassado (acrescido, nesse caso, das pessoas que não têm filhos – figura 49).

Destaca-se também, no trabalho de JARDIM *et al.* (2020), que um fator de destaque para a relação de prevalência para a sintomatologia depressiva, estresse e ansiedade é o sexo dos indivíduos. Há uma inegável prevalência feminina, de forma que tais sintomatologias acometem mais mulheres do que homens, não só no ambiente universitário, mas também em outras funções da sociedade.

Segundo Bolsoni-Silva e Loureiro (2016, p. 1):

O risco para as mulheres para a depressão em si é duas ou três vezes maior que para os homens, seja na ocorrência, seja na gravidade (Andrade *et al.*, 2012), sobretudo quando da exposição precoce a adversidades, tais como violência, morte parental e divórcio (Dozois & Dobson, 2004).

De acordo com a Figura 1, que mostra uma tabela (*Table 3*) retirada do artigo “Discriminação de idade, classe e raça: suas interações e associações com saúde mental em estudantes universitários brasileiros” (BASTOS *et al.*, 2014, p. 181), mulheres, cotistas, pobres e pretas/pardas são mais predispostas a certos tipos de discriminação. Mulheres também seriam mais propensas a experimentar discriminação por todas as razões explicitadas, com a exceção do fator “idade”.

Figura 1 – Experiências autorrelatadas de discriminação, segundo motivos percebidos e características sociodemográficas. Rio de Janeiro, Brasil, 2010.

Table 3

Self-reported experiences of discrimination, according to perceived reasons and socio-demographic characteristics. Rio de Janeiro, Brazil, 2010.

Socio-demographic characteristics	No discrimination reported (%)	Skin color/race discrimination (%)	Class discrimination (%)	Age discrimination (%)	Skin color/race/class, skin color/race/age or age/class discrimination (%)	Skin color/race, class and age discrimination (simultaneously) (%)	Discrimination by other reasons (%)
Sex							
Male	32.8	5.9	8.8	14.6	18.7	4.0	15.2
Female	15.3	7.2	10.6	12.8	23.0	5.6	25.5
p-value *	0.002						
Age (years)							
18-19	26.5	4.9	7.8	17.7	15.7	4.8	22.6
20-21	22.7	4.3	9.9	12.1	22.0	4.2	24.8
22-35	20.8	9.4	11.3	12.0	23.9	5.6	17.0
p-value **	0.124						
Time since admission to the university (semesters)							
1-4	24.2	6.0	9.7	13.0	20.1	6.2	20.8
5-8	19.8	7.2	9.9	15.3	23.4	1.9	22.5
9-12	19.2	11.5	11.5	11.5	23.1	4.0	19.2
p-value **	0.723						
University admission through quotas							
Yes	14.8	7.4	14.2	9.1	27.3	9.6	17.6
No	29.0	5.7	6.6	17.1	16.3	1.2	24.1
p-value *	< 0.001						
Socioeconomic status (quintiles)							
1 st (poorest)	16.1	11.1	12.4	12.4	24.7	7.2	16.1
2 nd	17.7	7.6	10.1	5.1	25.3	8.9	25.3
3 rd	32.9	2.5	11.4	20.3	15.2	3.8	13.9
4 th	20.8	5.2	9.1	11.7	24.7	3.8	24.7
5 th (richest)	28.6	6.5	3.9	16.9	14.3	1.2	28.6
p-value **	0.005						
Skin color/race							
White	27.3	2.9	11.0	16.3	15.8	1.3	25.4
Black/Brown	17.0	11.2	8.5	10.1	26.6	9.0	17.6
p-value *	< 0.001						
Total (n)	22.6 (92)	6.6 (27)	9.8 (40)	13.5 (55)	21.1 (86)	5.0 (20)	21.4 (87)

* Fisher's exact test;

** Chi-square test for trend.

Fonte: Bastos *et al.* (2014, p. 181).

As publicações analisadas na etapa de revisão bibliográfica convergem, de uma maneira geral, com a ideia de que o gênero feminino é o mais frequentemente afetado pelo sofrimento psíquico – descoberta de notória atenção durante a escrita deste trabalho. Urge a necessidade de políticas públicas e institucionais com um olhar específico para o sofrimento de gênero, tanto no âmbito universitário quanto na sociedade em um contexto mais abrangente.

4.2 Evasão, discriminação e autoestima universitária

Em “Capital interplays and social inequalities in health”, Veenstra e Abel (2019) apontam:

[..] Estas formas amplamente definidas de capital abrangem medidas padrão de status socioeconômico, a saber, realização educacional (uma forma de capital cultural), renda ou riqueza (a faceta predominante do capital econômico) e prestígio ocupacional (outra forma de capital cultural) bem como as conexões sociais que constituem o capital social. Juntos, eles fornecem uma maneira de incorporar diferentes tipos de recursos em um único esquema teórico coerente. No entanto, uma conceituação de recursos baseada em capital obriga os pesquisadores a examinar formas de poder que ainda não foram sistematicamente investigadas por pesquisadores da saúde [17, 18, 19]. Por exemplo, as categorias genéricas usadas em medidas padrão de realização educacional (diploma de ensino médio, diploma universitário etc.) não representam totalmente o capital cultural institucionalizado; uma credencial educacional de uma instituição de prestígio pode ser mais útil do que uma credencial obtida em outro lugar, e um diploma em economia pode ser mais útil do que um diploma em sociologia. Certos tipos de capital cultural objetivado, como bicicletas de estrada caras ou equipamentos de corrida, podem ser pertinentes para a saúde por meio das práticas saudáveis que resultam de sua aplicação. E medir o capital social pode envolver muito mais do que avaliar o volume dos laços sociais ou se um conjunto de laços contém um advogado ou encanador; as carteiras de capital de cada membro de uma rede de vínculos devem ser avaliadas em uma medida completa de capital social. Isso significa que uma abordagem baseada no capital para o status socioeconômico tem o potencial de iluminar desigualdades em saúde até então desconhecidas. (VEENSTRA; ABEL, 2019, p. 4, tradução nossa).

Os autores indicam que existe uma hierarquia entre cursos (citando uma comparação entre Economia e Sociologia) – o “prestígio” de um curso pode estar inserido dentro do parâmetro do capital cultural. Em sua dissertação de mestrado, Vanessa Livramento (2012) expôs e discutiu a evasão nos cursos presenciais de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Nele, podem ser feitas importantes relações a respeito do quanto a questão de autoestima em relação à autopercepção do próprio curso (MICHIE; GLACHAN; BRAY, 2001) pode ser um fator importante para a desistência ou abandono de uma graduação. A autopercepção pode ser um fator de ligação importante com a teoria sociológica de Bourdieu e capitais adquiridos ao curso da vida (sendo, neste contexto, o cultural em posição de destaque e influência no fator autopercepção e autoestima).

Os estudantes não têm estímulo para colocar a vocação acima das determinações econômicas e políticas da sociedade baseada na ideologia de mercado e de consumo, o que para Ristoff (1996) é uma manifestação inteligente dos indivíduos, pois abandonar cursos que levam a carreiras profissionais socialmente desprestigiadas é expressão da consciência de indivíduos que sabem que o respeito é melhor que o desrespeito.

Cursos cujo status é baixo são rejeitados e algumas carreiras, como as licenciaturas, enfrentam sérias crises por consequência desse fato, como salienta Souza (1999): mais de 50% dos cursos de graduação da UFSC apresentaram índices de evasão superior a 50%. Dentre os mais críticos estão: Matemática – 97,9%; Geografia – 96%; Física – 90,98%; Química – 89,8%; Filosofia – 85,71%; Letras Português/Italiano – 87,67% e Letras Português/Francês – 84,56%.

Ramos (1989) considera que o sistema educacional deveria, sobretudo, estar interessado no crescimento dos indivíduos como pessoas e, só secundariamente, ter o objetivo de tornar as pessoas capazes de se transformarem em indivíduos detentores de emprego e de renda, num ponto de vista totalmente contrário ao que defende Ristoff (1996). (LIVRAMENTO, 2012, p. 45).

Sobre isso, Flesch *et al.* (2020) apontam que a prevalência de depressão em estudantes da área de humanidades pode ser relacionada a cobranças e rotinas acadêmicas particulares e/ou maior dificuldade dos estudantes destas áreas para enfrentá-las. A hipótese é reforçada pelo Relatório Final de Sofrimento Psíquico do Centro de Filosofia de Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (CAPONI *et al.*, 2021b).

Tendo em vista a complexa realidade brasileira, também são diferenciais específicos a respeito de saúde mental as questões de assistência e permanência estudantil nas universidades federais, principalmente quando abrangendo grupos de maior vulnerabilidade e de baixa renda.

Mediante essa realidade, Sarkis (2004) salienta a importância da assistência estudantil como forma de aproximar o estudante carente da possibilidade de obter uma formação num curso superior. O autor destaca a relevância de iniciativas como a moradia estudantil; a assistência religiosa, psicológica e social; acesso ao conhecimento de línguas estrangeiras e de informática; sistema de alimentação gratuita e, sobretudo, a melhoria do ensino público nos níveis básico e médio. O autor considera, ainda, que para aproximar o aluno carente da universidade pública é preciso levar aos estudantes de ensino médio, de cidades e bairros mais pobres, o conhecimento sobre a realidade, os cursos e carreiras da universidade. Na sua concepção, essas ações, além de democratizar a informação, colaboram na escolha dos candidatos aos cursos superiores, de modo a diminuir desistências e trocas futuras (SARKIS, 2004). (LIVRAMENTO, 2012, p. 48).

No caso específico da UFSC, o Pró-Reitor de Assuntos Estudantis Cláudio José Amante, realizou uma entrevista no dia 18 de outubro de 2011, em que salientou pontos que, em sua percepção, são de forte influência na decisão dos alunos de abandonarem uma graduação, entre os quais:

- currículos demasiadamente extensos;

- problemas de relacionamento entre professores e alunos. Segundo o prof. Amante, o MEC, por muito tempo, fez grandes incentivos à pós-graduação, em detrimento da graduação, o que fez com que surgisse uma grande quantidade de professores pesquisadores e menos professores educadores;
- modelos pedagógicos que não atendem à necessidade de formação, com formas de avaliação centradas na capacidade de memorização e não em atividades reais de ensino, pesquisa e extensão;
- mobilidade;
- moradia;
- falta de recursos financeiros;
- problemas discentes relacionados a questões emocionais;
- influência dos familiares na escolha dos cursos. (LIVRAMENTO, 2012, p. 107).

Os dois últimos fatores citados pelo reitor compreendendo problemas emocionais e influência familiar podem ser intuitivamente *linkados* aos resultados da pesquisa de Michie, Glachan e Bray (2001), convergindo ou mesmo relacionando-se a realidades acadêmicas distintas.

Em apenas uma unidade, o Centro de Ciências Físicas e Matemáticas, observa-se um índice de evasão maior do que 50%. Entretanto, mais da metade dos centros de ensino possuem índice de abandono de cursos com média superior a 30%, enquanto a média nacional, segundo o INEP (2009.a), é de 33% de evasão.

Os dados permitem observar que, nas duas unidades de ensino com maiores índices de evasão no período de análise – Centro de Ciências Físicas e Matemáticas – CFM (66,63%) e Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFH (43,23%), há uma congruência entre todos os fatores de análise, o que pressupõe relação direta entre o abandono de curso e as questões observadas.

No CFM, em 2010, 11 disciplinas tiveram índice de reprovação dos matriculados superior a 30%; os cursos apresentam média de conceito ENADE igual a 3,7; o índice de candidato por vaga no vestibular, para o período de análise, ficou em 2,93 candidatos para cada vaga oferecida e o número de vagas não ocupadas no processo seletivo, somando-se os anos de 2009, 2010 e 2011, foi de 206 vagas.

A realidade do CFH é bastante semelhante à do CFM: apesar de apenas 02 disciplinas apresentarem reprovação excessiva, o conceito ENADE dos cursos tem média baixa, de 2,4; o índice de candidatos por 100 vaga no vestibular ficou com média de 5,92 e 42 vagas ficaram ociosas nos processos seletivos realizados no período em questão. (LIVRAMENTO, 2012, p. 99-101).

Para Livramento (2012), confirma-se a especulação de que centros de cursos com fatores positivos em relação a *status quo*, lógica de mercado (maior adesão ao mercado de trabalho) e maior índice candidato/vaga possuem menor índice de desistência. A autora aponta que os dois centros com índice muito abaixo da média em evasão são o CCJ (Ciências Jurídicas) e CCS (Ciências da Saúde), respectivamente. Futuramente, esses dados podem fomentar pesquisas relacionadas às questões de autoestima e autopercepção e em como se dá o impacto aos cursos como visto em Michie, Glachan e Bray (2001), em que parece haver uma convergência a respeito dos conhecimentos apresentados.

Há, no Brasil, uma grande diferença socioeconômica e de autopercepção de *status quo* também entre cursos (LIVRAMENTO, 2012, p. 45), tomando como exemplo os cursos da

área da saúde (aqueles com mais dados na área de sofrimento psíquico disponível em âmbito de produção acadêmica nacional) e de ciências jurídicas em relação a outras graduações, por exemplo, com foco em licenciatura.

Em meio a essa heterogeneidade socioeconômica, a pesquisa de Michie, Glachan e Bray (2001), realizada com 112 alunos de graduação diretos e reingressos, buscou compreender por meio de um autoconceito dos acadêmicos, a influência de fatores como idade, gênero, experiências escolares e motivações para participação no Ensino Superior. Os alunos de reingresso são entendidos como aqueles que fizeram uma pausa após o Ensino Médio antes de ingressar em uma instituição de Ensino Superior. Os alunos com entrada direta foram aqueles que participaram do Ensino Superior imediatamente após o Ensino Médio. Os resultados confirmaram que os alunos que reingressaram eram mais propensos a relatar mais experiências negativas na escola do que os alunos que ingressaram diretamente. Graduadas do sexo feminino (tanto de reentrada quanto de entrada direta) relataram níveis mais elevados de estresse do que os homens, assim como observado em outros estudos aqui referenciados nesta revisão bibliográfica. Participantes do sexo feminino nesta pesquisa também tinham menos certeza da avaliação de habilidades acadêmicas feita por seus colegas de curso do que os homens. Os alunos cuja motivação para o ingresso no Ensino Superior foi o interesse cognitivo apresentaram o autoconceito acadêmico mais positivo. Esses alunos também eram os mais confiantes em sua capacidade acadêmica, bem como em sua satisfação geral com a faculdade. Em termos de motivação, quem fez a faculdade com o objetivo de obter um mais rico aprendizado teve mais experiências positivas do que outras. Se a motivação de um aluno para a participação no Ensino Superior estava relacionada aos objetivos de carreira, então ele/ela tinha maior probabilidade de relatar níveis mais elevados de estresse acadêmico. Os alunos que participavam do Ensino Superior pelo aspecto social tinham mais dúvidas quanto à sua capacidade acadêmica (MICHIE; GLACHAN; BRAY, 2001).

5 CONCLUSÃO

O período universitário da vida de uma pessoa é marcado pelo estabelecimento de novas relações e novas exigências pessoais e profissionais. Desde o ingresso em uma instituição de Ensino Superior, até a conclusão do curso, muitos são as situações e os fatores que podem desencadear o sofrimento psíquico entre os estudantes universitários. Pesquisas comprovam que esse tipo de sofrimento pode levar os indivíduos a situações extremas em que chegam a cogitar pôr um fim à própria vida. O sofrimento psíquico tem-se mostrado uma constante no meio acadêmico e motivado variadas pesquisas.

O sofrimento psíquico não pode ser entendido como algo individualizado, um fenômeno isolado, cujo tratamento diz respeito somente ao próprio indivíduo vítima dessa dor. Ao contrário, o sofrimento psíquico tem que ser compreendido em sua própria natureza, isto é, como algo decorrente de múltiplos fatores relacionais de um indivíduo e de uma dada sociedade.

Partindo dessas ideias, nossa pesquisa se propôs a fazer um levantamento bibliográfico, buscando tratar o tema em diálogo com as teorias sociais. A natureza multifatorial das causas do sofrimento psíquico revelou-se na análise da base de dados de artigos acadêmicos publicados no período de 2006 a 2021, em que aparecem temas relevantes para a discussão, como relações de poder, capital cultural, desigualdade social, gênero, raça, mal-estar determinado por uma série de fatores relacionados à obtenção do grau superior, a ligação entre discriminação e sofrimento psíquico.

Os artigos, teses e estudos com os quais nos deparamos em nosso levantamento bibliográfico mostraram-se, pois, afins com as propostas deste TCC. Desenvolviam considerações e traziam levantamentos estatísticos sobre aspectos que buscamos abordar em nossa pesquisa: experiências de discriminação, contextos de ocorrência, formas de interações e convívio, entre outros. Contudo, o que neles pudemos observar, além da quantidade reduzida de publicações, foi que, em geral, a bibliografia levantada dialoga apenas de forma indireta com as teorias sociais. A nosso ver, uma maior aproximação com essas teorias é válida e se justifica até pelo fato de o tema envolver um conjunto de indivíduos. Essa interdisciplinaridade pode colaborar muito na elaboração de estratégias de tratamento efetivo, que seja também preventivo.

Nessa perspectiva, foi que recorremos a conceitos desenvolvidos pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu em “A Reprodução”, escrito em 1970, em parceria com Jean-Claude Passeron. Embora o estudo de Bourdieu diga respeito ao ambiente escolar, sua transposição de um determinado ambiente escolar francês para o ambiente acadêmico brasileiro, guardadas

todas as suas diferenças e com as adaptações necessárias, mostrou-se perfeitamente cabível, uma vez que conceitos ali desenvolvidos, como o de *habitus*, capital cultural e social, também se aplicam ao ambiente que ora analisamos. A universidade pode ser considerada o “campo” bourdieusiano, um espaço social e histórico com regras e limites que moldam a interação e as possibilidades sociais. A estrutura de dominação e reprodução de valores e das desigualdades sociais investigada na obra de Bourdieu revelava-se bastante similar no contexto estudado por nós.

E, dentro ainda da perspectiva com a qual trabalhávamos, mostrou-se ainda necessário desenvolvermos uma reflexão acerca dos efeitos do sofrimento psíquico sobre a saúde dos indivíduos, um fator que costuma ser ignorado ou que não é devidamente acompanhado. O que se observa, em geral, é a tendência a tratamentos que não levam em consideração justamente aquela natureza coletiva e relacional de que falávamos. O problema é então enxergado de modo isolado, como algo que diz respeito exclusivamente ao indivíduo, como se a situação pudesse ser a ele exclusivamente atribuída.

Concluimos, primeiramente, que a análise do sofrimento psíquico requer uma avaliação multifatorial de causas, em que se mostram determinantes os fatores socioeconômicos no desencadeamento do sofrimento psíquico nos indivíduos e, portanto, na resolução e na prevenção do problema. Em segundo lugar, observamos que a análise do tema e de suas possíveis soluções e estratégias de enfrentamento e prevenção atingir abrangência muito maior, a partir da interdisciplinaridade com as teorias sociais, das quais pode tomar emprestado conceitos que ajudem a enxergar novos aspectos.

6 REFERÊNCIAS

- BASTOS, J. L.; BARROS, A. J. D.; CELESTE, R. K.; PARADIES, Y.; FAERSTEIN, E. Discriminação de idade, classe e raça: suas interações e associações com saúde mental em estudantes universitários brasileiros. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 30(1):175-186, jan, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/3KQynDhm8MZ934chDz5xTCp/?lang=en&format=pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R. O impacto das habilidades sociais para a depressão em estudantes universitários. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 32, n. 4, e324212, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722016000400212&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 mar. 2021.
- BORGES, E. H. N. A escolha da carreira: entre o sonho e as possibilidades. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 13, n. 27, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20500/rce.v13i26.13431>. Acesso em: 28 mar. 2021.
- BOURDIEU, P. **La distinction, critique sociale du jugement**. Paris: Les Editions de Minuit, 1979.
- _____. The forms of capital. *In*: RICHARDSON, J. (Ed.). **Handbook of theory and research for the sociology of education**. New York: Greenwood, 1986
- _____. Os três estados do capital cultural. *In*: CATANI, A.; NOGUEIRA, M. A. (Orgs.). **Escritos de Educação**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 2. ed. p.79-88.
- _____. **Meditações pascalianas**. Tradução de Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 324p. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-Medita%C3%A7%C3%B5es-pascalianas.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. *In*: BOURDIEU, P. (Org.) **A miséria do mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **A reprodução**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- _____. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014b.
- CAMPOS, C. R. F. *et al.* Desempenho acadêmico de alunos que se submeteram a tratamento psiquiátrico no serviço de saúde mental para estudantes de uma universidade brasileira **Sao Paulo Medical Journal**, São Paulo, v. 135, n. 1, p. 23-28, jan. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-31802017000100023&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 abr. 2021.
- CANT, S. Hysteresis, social congestion and debt: towards a sociology of mental health disorders in undergraduates. **Social Theory & Health**, 2017, p. 1-15.
- CAPONI, S.; AMORIM, L. de C. de; BRZOZOWSKI, F. S.; VÁSQUEZ, M. F.; BENDER, M.; SANTOS, J. **Sofrimento psíquico em acadêmicos da Universidade Federal de Santa**

Catarina. Relatório de Pesquisa, Núcleo de Estudos em Sociologia, Filosofia e História das Ciências da Saúde (NESFHIS/UFSC), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021a.

CAPONI, S.; AMORIM, L. de C. de; BRZOZOWSKI, F. S.; VÁSQUEZ, M. F.; BENDER, M.; SANTOS, J. **Sofrimento psíquico em acadêmicos da Universidade Federal de Santa Catarina**. Relatório de Pesquisa, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, NESFHIS/UFSC, Florianópolis, abr. 2021b.

CASTRO, V. V. de. As ilusões da uberização: um estudo à luz da experiência de motoristas uber. 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2020. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/343227/1/Castro_VivianeVidigalDe_M.pdf. Acesso em: 28 abr. 2021.

CONTE, M.; GONÇALVES, A. Ampliando elementos da educação médica: morbidade referida em universitários de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, 2006, 30(1), 15-19.

FLESCHE, B. D. *et al.* Episódio depressivo maior entre universitários do sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, 2020, v. 54, 11. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102020000100210&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 abr. 2021.

GAMA, C. A. P.; CAMPOS, R. T. O.; FERRER, A. L. Saúde Mental e Vulnerabilidade Social: a direção do tratamento. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, 17(1), 69-84, mar. 2014 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/Lz5jfWb83DWPs7prFwC4XXL/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

GOLDTHORPE, J. H. Cultural capital: some critical observations. **Sociology Working Papers**, 2007, University of Oxford. Disponível em: http://www.sociology.ox.ac.uk/materials/papers/swp07_07.pdf. Acesso em: 28 abr. 2021.

GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. de A. R. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1327-1346, abr. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232019000401327&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 abr. 2021.

HEY, A. P.; CATANI, A. M.; MEDEIROS, C. C. C. de. A sociologia da educação de Bourdieu na revista Actes de la Recherche en Sciences Sociales. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, 2018, v. 30, n. 2, p. 171-195. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v30n2/1809-4554-ts-30-02-171.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

IBRAHIM, A. K.; KELLY, S. J.; ADAMS, C. E.; GLAZEBROOK, C. A systematic review of studies of depression prevalence in university students. **Journal of Psychiatric Research**, v. 47, n. 3, p. 391-400, Mar./2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2012.11.015>. Acesso em: 05 ago. 2020.

JARDIM, M. G. L.; CASTRO, T. S.; FERREIRA-RODRIGUES, C. F. Sintomatologia Depressiva, Estresse e Ansiedade em Universitários. **Psico-USF**, Campinas, v. 25, n. 4, p.

645-657, out. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712020000400645&tlng=pt. Acesso em: 28 abr. 2021.

KOŠUTIĆ, I. The role of cultural capital in higher education access and institutional choice. **CEPS Journal: Center for Educational Policy Studies Journal**, 2017, 7, 149-169.

LIVRAMENTO, V. **Evasão nos cursos presenciais de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2012. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/96459/300520.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 abr. 2021.

MICHETTI, M. **A atuação de elites empresariais na definição dos rumos da educação pública no Brasil contemporâneo**. 2018. Trabalho apresentado no 42º Encontro Anual da Anpocs, 2018, Caxambu. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-3/gt-31/gt10-25/11195-a-atuacao-de-elites-empresariais-na-definicao-dos-rumos-da-educacao-publica-no-brasil-contemporaneo/file>. Acesso em: 28 abr. 2021.

MICHIE, F.; GLACHAN, M.; BRAY, D. An evaluation of factors influencing the academic self-concept, self-esteem and academic stress for direct and re-entry students in higher education. **Educational Psychology**, v. 21, n. 4, p. 455-472, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01443410120090830>. Acesso em: 28 abr. 2020.

MONTAGNER, M. A. Pierre Bourdieu e a saúde: uma sociologia em Actes de la Recherche en Sciences Sociales. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 24(7):1588-1598, jul, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/jJBYsB7h9TkXcxbXLT6mx5g/?lang=pt>. Acesso em: 28 abr. 2021.

NEVES, M. C. C.; DALGALARRONDO, P. Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, 2007, v. 56, n. 4, p. 237-244. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852007000400001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 abr. 2021.

NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação do final dos anos 60 / início dos anos 70: o nascimento do paradigma da reprodução. **Em Aberto**, Brasília, ano 9, n. 46, abr. jun. 1990. Disponível em: https://disciplinas.usp.br/pluginfile.php/5092027/mod_resource/content/3/NOGUEIRA%2C%20M.%20A.%20%281990%29.%20A%20sociologia%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20final%20dos%20anos%2060.pdf. Acesso em: 28 abr. 2021.

PADOVANI, R. da C.; NEUFELD, C. B.; MALTONI, J.; BARBOSA, L. N. F.; SOUZA, W. F. de; CAVALCANTI, H. A. F.; LAMEU, J. do N. Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, jan./jun. 2014. Disponível em: http://www.rbtc.org.br/detalhe_artigo.asp?id=188. Acesso em: 25 mar 2021.

PINXTEN, Q.; LIEVENS, J. The importance of economic, social and cultural capital in understanding health inequalities: using a Bourdieu based approach in research on physical and mental health perceptions. **Sociology of Health and Illness**, 2014, Sep. 36(7):1095-1110

PŪRAS, D. Special rapporteur on the right of everyone to the enjoyment of the highest attainable standard of physical and mental health. *In*: UNITED NATIONS. Human Rights.

Office of the High Commissioner. **44rd session of the Human Rights Council**. Agenda Item 3: Promotion and protection of all human rights, civil, political, economic, social and cultural rights, including the right to development. 30 June-17 July 2020.

REAY, D. Beyond consciousness? The psychic landscape of social class. **Sociology**, 39(5): 911-928, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0038038505058372>. Acesso em: 28 abr. 2021.

_____. Habitus and the psychosocial: Bourdieu with feelings. **Cambridge Journal of Education**, 45(1): 9-23, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0305764X.2014.990420>. Acesso em: 28 abr. 2021.

SILVA, R. S.; SILVA, V. R. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. Caderno CRH, Salvador, v. 24, n. 63, p. 663-678, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/QHfYfV7nPqyJZwV7KTSjqBs/?lang=pt>. Acesso em: 28 abr. 2021.

SOUZA, M. V. C. de; LEMKUHL, I.; BASTOS, J. L. Discriminação e sofrimento psíquico de graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 525-537, set. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2015000300525&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 abr. 2021.

VEENSTRA, G.; ABEL, T. Capital interplays and social inequalities in health. **Scandinavian Journal of Public Health**, jan. 23, 2019. Disponível em: https://boris.unibe.ch/125630/2/Veenstra%20ScandJPublicHealth%202019_manuscript.pdf. Acesso em: 28 abr. 2021.